

SANGUE, TRABALHO, LÁGRIMAS E SUOR

13 de maio de 1940
Câmara dos Comuns

Criticado cada vez mais, no Parlamento e no país, pela sua ineficaz liderança, Neville Chamberlain foi forçado a renunciar ao cargo de primeiro-ministro. Ele e a maioria do Partido Conservador eram favoráveis a lorde Halifax como sucessor, assim como o rei Jorge VI. Mas Halifax declinou ao convite, percebendo que, como membro da Câmara dos Lordes, sua aceitação geraria enormes dificuldades práticas e constitucionais.

Assim foi que a 10 de maio de 1940, Winston Churchill – já com 65 anos – aceitou a delegação de poderes do rei para formar um governo. Naquele mesmo dia, Hitler iniciou a devastadora Blitzkrieg contra a Bélgica, a França e a Holanda. Em suas memórias, Churchill lembrou do que pensou quando foi se deitar naquela noite: “Senti como se estivesse caminhando com o destino e que toda a minha vida passada não tinha sido senão uma preparação para esta hora e para esta experiência.”

A 13 de maio, Churchill pediu à Câmara dos Comuns para confirmar seu apoio à nova administração. Era um momento crucial na vida da Grã-Bretanha. No país, as pessoas estavam confusas e alarmadas. Na Câmara, especialmente nas fileiras de seu próprio Partido Conservador, havia muitos inimigos que o viam com antipatia e desconfiança. Com este discurso, que foi subseqüentemente transmitido via rádio para o mundo, Churchill eletrizou a Casa e a nação. A mensagem foi completa: a Grã-Bretanha lutaria até a morte! No Parlamento, ao fim, houve um momento de silêncio e estupefação, seguido por uma ovação inteiramente excepcional, com todos de pé.

Imploro para que:

Esta Casa saúde a formação de um governo que representa a determinação unida e inabalável da nação, no sentido de levar a guerra contra a Alemanha a uma conclusão vitoriosa.

Na noite da última sexta-feira, recebi a delegação de Sua Majestade para formar um novo governo. Foram evidentes o desejo e a vontade do Parlamento e da nação para que isso fosse concebido na base mais ampla possível e que incluísse todos os partidos, tanto aqueles que apoiaram o último governo

quanto os da oposição. Completei a parte mais importante desta tarefa. Um Gabinete de Guerra foi formado com cinco membros, representando, com os liberais da oposição, a unidade da nação. Os três líderes dos partidos concordaram em servir ou no Gabinete de Guerra ou nos altos cargos do Executivo. Os três postos nas forças armadas foram preenchidos.

Foi necessário que isso tudo fosse feito em um único dia, por conta da urgência extrema e do rigor dos acontecimentos. Um bom número de outras posições, posições-chave, foi preenchido ontem – e estou submetendo uma lista adicional à Sua Majestade hoje à noite. Espero completar a indicação dos principais ministros durante o dia de amanhã. A indicação dos outros ministros normalmente leva um pouco mais de tempo, mas confio que, quando o Parlamento se reunir de novo, esta parte da minha tarefa estará completa – e o governo estará formado em todos os sentidos.

Considerarei de interesse público sugerir que a Casa deveria ser convocada para se reunir hoje. O presidente do Parlamento concordou e tomou as providências necessárias, de acordo com os poderes conferidos por resolução da Casa. Ao fim dos procedimentos de hoje, será proposta a suspensão dos trabalhos do Parlamento até terça-feira, 21 de maio, incluindo naturalmente a provisão para uma reunião mais cedo se houver necessidade. O assunto a ser considerado na próxima semana será notificado aos membros na primeira oportunidade. Agora, solicito ao Parlamento, pela moção que está em meu nome, que confirme a sua aprovação às medidas que tomei e que declare sua confiança no novo governo.

Formar um governo desta escala e complexidade é em si mesmo uma tarefa séria, mas devemos lembrar que estamos no estágio preliminar de uma das mais duras batalhas da história, que estamos em ação em muitos outros pontos na Noruega e na Holanda, que devemos nos preparar no Mediterrâneo, que a batalha aérea é contínua e que muitas providências – tais como as que foram indicadas pelo meu honrado representante e amigo das fileiras de baixo⁶ – têm de ser tomadas aqui. Em meio a esta crise, espero ser perdoado se não me dirijo à Casa com detalhes no dia de hoje. Espero que qualquer um dos meus amigos e colegas, ou antigos colegas, influenciados pela reestruturação política, levem em conta e desconsiderem qualquer falta de cerimônia que tenha sido necessária para agirmos. Eu diria à Casa, como disse para aqueles que se juntaram a este governo: “Nada tenho a oferecer exceto sangue, trabalho, lágrimas e suor.”

Temos diante de nós um desafio dos mais graves. Temos diante de nós muitos, muitos e longos meses de luta e de sofrimento. Vocês perguntam: qual é o nosso plano de ação? Posso dizer: é travar a guerra pelo mar, pela terra e

pelo ar, com todo o nosso poder e com toda a força que Deus nos possa dar; travar a guerra contra uma monstruosa tirania jamais suplantada nos registros sombrios e lamentáveis do crime humano. Este é o nosso plano de ação.

Vocês perguntam: qual é nosso objetivo? Posso responder em uma palavra: é a vitória, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o terror, a vitória mesmo que a estrada seja longa e penosa – pois sem vitória não há sobrevivência. Que isto seja entendido: sem vitória não há sobrevivência para o Império Britânico, não há sobrevivência para tudo aquilo que o Império Britânico tem representado, não há sobrevivência para os ímpetus e para os estímulos daquelas épocas em que a humanidade se move para frente, em direção aos seus objetivos. Assumo a minha tarefa com ânimo e esperança. Estou seguro de que a nossa causa não irá fracassar entre os homens. Neste momento, sinto-me autorizado a pedir a ajuda de todos, e digo: “Venham, vamos em frente juntos, com a força da nossa união.”